

Maria Manuela Brito Martins\*

## O sermão sobre a pobreza *Beati pauperes spiritu* do pseudo Roberto de Grosseteste. Estudo, texto e tradução

### 1. História da descoberta do *Sermo de paupertate. Beati pauperes spiritu*

O *Sermo de paupertate: Beati pauperes spiritu* encontra-se em um dos manuscritos descobertos por Samuel Harrison Thomson, conjuntamente com outros dois, quando investigava os escritos de Roberto Grosseteste (1168-1253) em Londres, no British Museum, atualmente conservados na British Library<sup>1</sup>. Por entre um pequeno conjunto de manuscritos figurava um tratado intitulado *De decem mandatis*, um tratado ascético sobre o amor e, finalmente, um pequeno tratado intitulado, *Beati pauperes spiritu*, incluídos no ms. Royal 11. B.III e que era uma pequena obra encaixada entre aquelas duas primeiras. Conforme afirmam os editores, nenhum destes manuscritos tinha alguma inscrição. No entanto, *Os dez Mandamentos* era considerado um dos tratados autênticos de Grosseteste. Por

\* Universidade Católica Portuguesa – Porto. Email: mbmartins29@gmail.com.

<sup>1</sup> James McEVOY - Michael DUNNE, *Beati pauperes spiritu*. Edition of An Anthology by Pseudo-Grosseteste on Voluntary Poverty and Spiritual Enrichment. From the London, British Library MS Royal 11 B III, Fols 316v-319v», *Recherches de Théologie et Philosophie médiévales*, 72, 2 (2005) 363-392. Agradecemos ao Professor Michael Dunne e à revista *Recherches de Théologie et Philosophie médiévales* a autorização para publicarmos o texto latino, sem aparatos, do Sermão e para reproduzirmos os esquemas originais, publicados naquele artigo.

esta mesma razão, o catalogador das obras de Grosseteste considerou inicialmente que aquele pequeno tratado seria também da autoria do Bispo de Lincoln. Mas, para além desta razão, um segundo motivo o levou a incluí-lo, de imediato, nas obras de Grosseteste. O escrito sobre a pobreza foi copiado pela mesma mão que copiou o *De decem mandatis* e há ainda um sermão autêntico de Roberto Grosseteste que começa precisamente com *beati pauperes*. Todavia, Samuel Harrison Thomson, depois de ter efectuado um estudo mais cuidado, chegou à conclusão que o ms. Royal 11. B. III, não era efectivamente de Grosseteste, apesar de ter sido provavelmente copiado pelo mesmo copista.

A temática deste sermão centra-se sobre a noção de pobreza. A passagem bíblica de Mateus 5:3 é o ponto de partida para esta reflexão, em torno da qual se desenvolve o tema da pobreza e de como deve ela ser entendida. Do ponto de vista formal, este sermão é uma espécie de florilégio onde são expostas as diferentes definições de pobreza, dadas por vários autores, conjugadas com passagens da Sagrada Escritura e da tradição filosófico-teológica. É considerado pelos editores, por isso mesmo, como uma antologia, e não propriamente um sermão: «O trabalho não é um sermão nem um tratado mas uma antologia muito bem estruturada, esboçada a partir da Escritura e da Tradição, no que concerne ao preceito evangélico da pobreza e ao seu verdadeiro espírito e prática Cristã<sup>2</sup>».

## 2. Datação e alguns aspectos do seu conteúdo

S. H. Thomson data este florilégio por volta de 1300. Presentemente, segundo os editores, esta datação poderá recuar duas décadas sensivelmente<sup>3</sup>. Como é afirmado igualmente por James McEvoy e Michael Dunne, esta antologia sobre a pobreza foi escrita recorrendo a uma concordância bíblica que foi compilada por Roberto Grosseteste. Esta Tábua (*Tabula*) de concordância foi um dos instrumentos mais bem conseguidos, realizada por este mestre de Oxford, ainda que seja uma Tábua incompleta. Está organizada como um index, encabeçado por temas ou «distinctiones». Na verdade, devido à existência, neste sermão, de múltiplas citações bíblicas, os editores interrogam-se sobre a validade de existir ou não uma correlação entre a *Tabula* e *Beati pauperes*. Há uma certa proximidade na utilização das fontes bíblicas em ambos os textos<sup>4</sup>. No entanto, quando se analisa mais profundamente a correlação do material utilizado por um e por outro

<sup>2</sup> J. McEVoy – M. DUNNE, «Beati paupers spiritu», cit., p. 366.

<sup>3</sup> J. McEVoy – M. DUNNE, «Beati paupers spiritu», cit., p. 366.

<sup>4</sup> J. McEVoy – M. DUNNE, «Beati paupers spiritu», cit., p. 367.

estes revelam ser diferentes. Na verdade, em *Beati pauperes sipiritu* encontramos uma maior explanação das fontes bíblicas<sup>5</sup>. Por isso, se é certo que o compilador utilizou uma concordância bíblia e dos Padres, não se sabe bem ao certo qual terá sido<sup>6</sup>.

Os editores efectuaram uma listagem das ocorrências dos autores referidos e citados ao longo do sermão. Para darmos uma ideia encontramos 15 ocorrências, onde Gregório Magno é citado, de forma mais ou menos literal; 5 citações de Séneca; 7 citações de João Crisóstomo; 7 citações de Bernardo de Claraval; 1 citação de Anselmo de Cantuária; 1 citação de Próspero de Aquitânia; 2 citações de Jerónimo de Stridon; 1 citação de Rábano Mauro; 1 de Godofredo de Claraval. Contam-se, além disso, mais de 40 citações bíblicas, do Antigo e do Novo testamentos. Repare-se, no entanto, que não há, por exemplo, qualquer citação directa de Agostinho de Hipona, à excepção, do Pseudo-Agostinho, através de Próspero de Aquitânia e de Rábano Mauro, facto que não deixa de nos surpreender. Como apreciação podemos dizer que a maior dificuldade deste texto concerne as múltiplas citações que são introduzidas no seio da exposição, sem que contudo possam ser completamente bem compreendidas, na medida em que são retiradas do seu contexto textual original. Será necessário para o intérprete procurar contextualizar essas citações nas obras das referidas *auctoritates*. Tentamos fazer isso o mais possível.

### 3. Estrutura do Sermão

Logo de início o autor coloca três questões acerca da pobreza, a partir das quais a antologia é estruturada: I – quantos modos tem a pobreza; II – qual a pobreza que beatifica; III – de que maneira a pobreza deve ser procurada. Neste último ponto ainda poderíamos dividi-lo em outro momento, a saber, qual a utilidade da pobreza. De forma genérica podemos dizer que *Beati pauperes sipiritu* apresenta uma sinopse dos diferentes contextos bíblicos a respeito da pobreza. De igual modo, selecciona por entre os Padres e autores medievais, algumas das noções que considera mais instrutivas para a vida monástica e para a vida de qualquer cristão.

Ao analisarmos o texto constatamos aquilo que os próprios editores reconhecem: «o que nos parece ser, num primeiro momento, uma antologia inteiramente ao serviço da difusão da Escritura e do pensamento Patrístico, revela

---

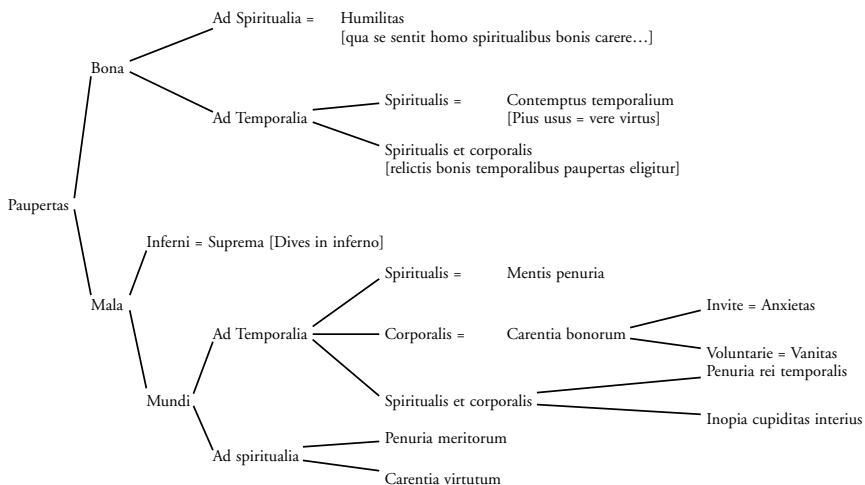
<sup>5</sup> J. McEVoy – M. DUNNE, «*Beati pauperes spiritus*», cit., p. 367.

<sup>6</sup> J. McEVoy – M. DUNNE, «*Beati pauperes spiritus*», cit., p. 368.

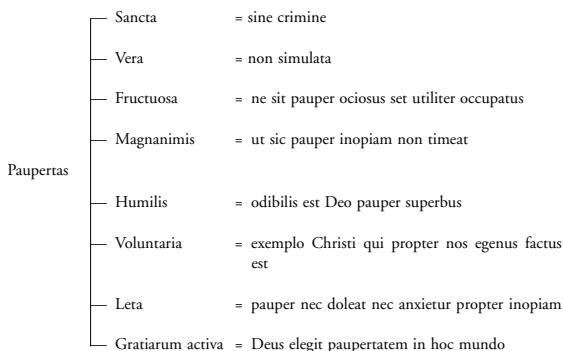
afinal, uma coerência interna e externa, a ponto de ser disfarçada pela abundância de citações»<sup>7</sup>. O autor parece ter -se preocupado por apresentar a noção de pobreza (*paupertas*) num plano rigoroso, obedecendo a uma série de distinções variadas e necessárias.

O *Sermo de paupertate* está dividido nas três partes indicadas, conforme está assinalado logo na sua parte introdutória e que os diagramas realizados pelos editores (que aqui se reproduzem), claramente nos mostram. Faremos, de seguida, uma breve exposição a partir de cada parte desse diagrama.

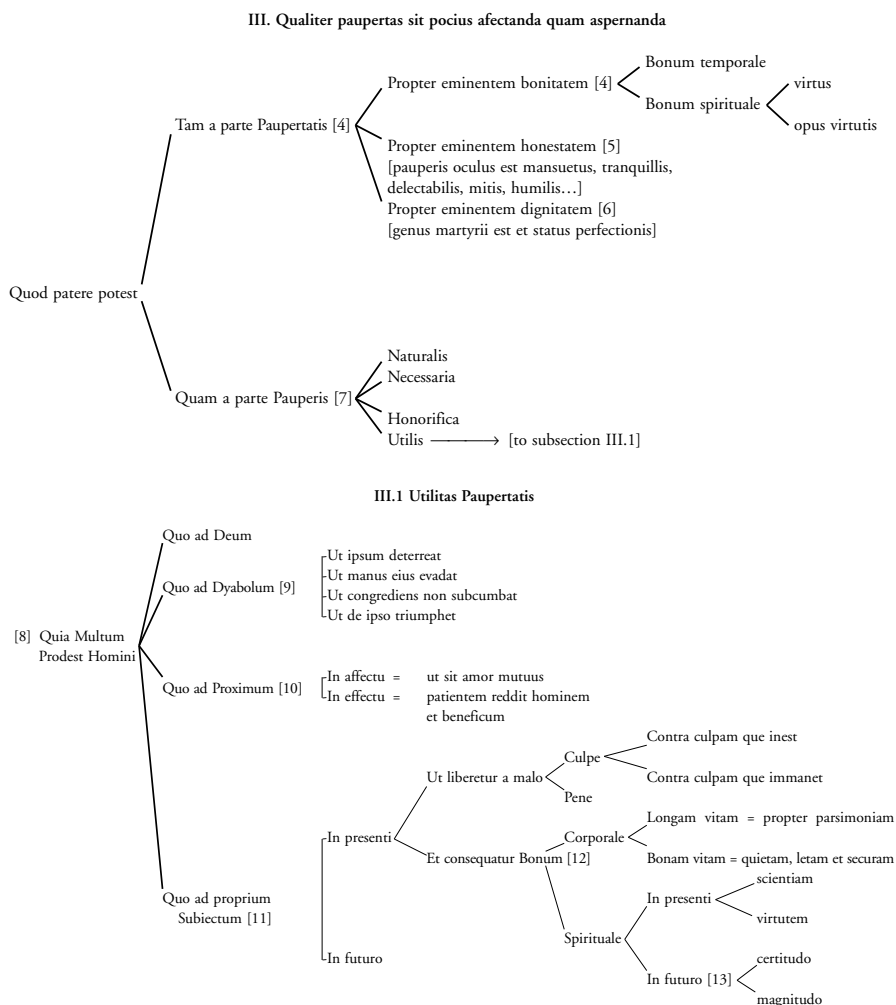
#### I. Distinctio Paupertatis



#### II. De paupertate, qualis est beatificans



<sup>7</sup> J. McEvoy – M. Dunne, «Beati paupers spiritu», cit., p. 368.



Na primeira parte (§1-§2) podemos compreender as diferentes distinções que o autor apresenta acerca da pobreza. A primeira distinção identifica uma *paupertas*, que pode ser boa ou má. Se é má, então, ainda pode ser distinguida em duas: a do inferno e a do mundo. Esta última, a *paupertas mundi*, por sua vez, é múltipla e diz respeito quer às coisas *temporalia* quer às coisas *spiritualia*. No primeiro caso, ela pode ser ainda unicamente espiritual, corporal ou ambas. Se é do primeiro caso, então é *mentis penuria*, se é só do segundo caso (*paupertas corporalia*), então, é *carentia bonorum temporalium*, sem desejo de carecer por causa de

Deus. Mas também aqui se distinguem dois aspectos: a pobreza involuntária e a pobreza voluntária. A primeira origina a ansiedade, quando a segunda origina a vaidade. No terceiro caso, a pobreza, simultaneamente *corporalis* e *sipiritualis*, implica uma penúria das coisas temporais mais exteriores (*penuria rei temporalis exterius*) e uma indigência de desejo mais interior (*inopia cupiditatis interius*).

Por sua vez, quando a pobreza é boa, ela é, ou para as coisas espirituais ou para as coisas temporais. No primeiro caso é a humildade. Se é do segundo caso, então ela pode ser novamente dividida: unicamente em espiritual ou, simultaneamente, em corporal e espiritual. Se é espiritual, isso significa o desprezo das coisas temporais. Se é do segundo modo, então, significa que a verdadeira pobreza é simultaneamente corporal e espiritual, na medida em que é escolhida, quando renuncia aos bens temporais (*relictis bonis temporalibus paupertas eligitur*). Neste caso a figura de Cristo encabeça a verdadeira de pobreza. Com efeito, há neste sermão, uma verdadeira apologia da pobreza, em ordem a uma espiritualidade cristã, muito próxima da espiritualidade franciscana. São Boaventura foi um dos mestres da escola franciscana que mais contribuiu para o aprofundamento da noção de pobreza na sua *apologia pauperum*.

Na segunda parte (§3) o autor descreve a maneira como a pobreza santifica. A pobreza possui os seguintes atributos: é santa, verdadeira, frutuosa, magnânima, humilde, voluntária, alegre e produtora de graças. Neste momento do texto, o autor limita-se a enunciar as diferentes qualidades da pobreza que, de certa forma, se adequam a um enunciação próxima das Bem-Aventuranças, em Mateus, 5:3. A beleza e a simplicidade desta segunda parte, permite, de imediato, elucidar o leitor que a *paupertas* é uma virtude cristã, que pelo seu profundo valor, pode levar à felicidade e à bem-aventurança. Por outras palavras, a pobreza tem as suas Bem-aventuranças que conduzem o crente a Cristo. Por isso mesmo S. Jerónimo afirma que a «indigência não faz a pobreza recomendável se não evita os pecados entre a desonra e a vacuidade». Todavia, a pobreza não é um fim em si-mesma, pois como afirma também Bernardo de Claraval: «a pobreza não é considerada uma virtude mas o amor da pobreza».

A terceira parte (§4-§13) é bem mais longa, e por isso, mais complexa. Trata-se de explicar de que maneira a pobreza deve ser mais procurada do que rejeitada. A pobreza pode ser analisada, quer quanto à pobreza (§4), quer quanto ao pobre (§7). Quando é entendida da parte da pobreza, ela é eminentemente bela, honesta e digna. Quando é entendida da parte do pobre, ela é natural, necessária, glorifica o homem e é-lhe útil.

Na verdade, o compilador efectua uma apologia da pobreza e do pobre considerando-a como um dos bens espirituais. Há a exaltação de uma espiritualidade da pobreza que é pedida para a vida monástica e para vida do verdadeiro cristão. Como podemos verificar, a pobreza, no sentido ontológico, é bela, honesta e digna. Por seu lado, a pobreza voluntária é entendida como a honestidade excelsa. A caracterização física, metafórica, e psicológica da honestidade, identificada com a pobreza é-nos dada por João Crisóstomo que fala da pobreza, como o que é manso (*mansuetus*), o que é tranquilo (*tranquilus*), o que é agradável (*delectabilis*), o que é doce (*mitis*) e humilde (*humilis*), e o que não possui ódio.

Por sua vez, a utilidade da pobreza revela ser para o homem uma forma dele se proteger dos malefícios de uma vida viciosa. A pobreza é útil ao homem, porque afugenta os diversos males que o assolam. Nesta ordem de ideias, podemos associar directamente a aquilo que José M. Costa Macedo afirmava a respeito da *paupertas* em Santo António de Lisboa, que «a pobreza é, ao nível natural, uma libertação de todos os perigos»<sup>8</sup>. Esses perigos, segundo o autor do sermão são, essencialmente, a do diabo e a do próprio sujeito. Por sua vez, a *utilitas paupertatis* reside no facto de ela ser como um «estandarte de Cristo através do qual o diabo sai vencido». A pobreza é mais útil ao homem que a Deus, que ao diabo, que ao próximo e que ao próprio sujeito, na medida em que é uma metamorfose do amor (*reformatio paupertatis*), pois a abundância das coisas temporais são a fonte de toda a discórdia. Neste sentido, a pobreza está para o amor, como a abundância está para o ódio. Por último a pobreza implica necessariamente uma relação com o tempo e a eternidade. Relativamente ao tempo, a pobreza pode-nos libertar do mal e levar-nos ao bem. Relativamente à eternidade, ela pode levar-nos a atingir o bem, por meio da certeza e da beatitude. Retomando, portanto, a ideia de Santo Anselmo que afirma: «quando sentes agitarem-se contra ti as necessidades ou pobreza, então, tem a certeza que Deus te aumentará muito a sua graça»<sup>9</sup>, assim também o copista deste florilégio dá à pobreza toda a sua máxima dignidade.

<sup>8</sup> J. M. Costa MACEDO, «*Paupertas*. Raízes e horizontes», in *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8º Centenário do Nascimento de Santo António*, Actas, volume I, Família Franciscana Portuguesa, Braga 1996, p. 602.

<sup>9</sup> J. McEVOY – M. DUNNE, «*Beati pauperes spiritu*», cit., p. 391.

## <Sermo>\*

*Beati pauperes spiritu*, Matt. V

Videndum <I> quot modis sit paupertas, <II> et qualis debet esse paupertas beatificans, <III> et qualiter sit affectanda.

<I: Distinccio Paupertatis>

1. De primo sciendum quod est paupertas bona et mala. Mala est duplex, inferni et mundi. Prima suprema est, nec potest relevari. Set patet Lucas 16 in divite epulacione, de quo Gregorius libro 18 *Moralium*: <fol. 317r> Guttam aque peciit qui micas panis negavit. Secunda multiplex est, quia aut est quo ad temporalia aut quo ad spiritualia. Si primo modo vel est spiritualis tantum vel corporalis, vel utrumque. Prima est mentis penuria qua non sufficiunt homini habita set cupide semper appetit plura. Unde Seneca: Non qui parum habet set qui plus cupit pauper

---

\* Edição crítica por Rev. James McEvoy e Michael Dunne, a partir do manuscrito London, British Library, Royal 11 B III, ff. 316v-319v, publicada em J. McEvoy – M. Dunne, «Beati pauperes spiritu», cit., pp. 378-392. Agradecemos a Michael Dunne a autorização para reeditarmos o texto latino do sermão, acompanhado pela nossa tradução.



## *Sermão acerca da pobreza<sup>1</sup>*

Felizes os pobres em espírito, Mateus, V<sup>2</sup>

É preciso ver: <I> quantos modos tem a pobreza; <II> qual a pobreza que beatifica; <III> e de que maneira ela deve ser procurada.

### **<I. Distinção da Pobreza>**

Em primeiro lugar, é preciso saber que há uma boa e má pobreza. A má existe em dois sentidos: a do inferno e a do mundo. A primeira é suprema e não pode ser revelada. Mas, como demonstra S. Lucas, capítulo 16<sup>3</sup>, no rico festim, do qual fala Gregório no livro 18 da *Grande Moral*<sup>4</sup>, «aquele que pede uma gota de água é aquele que negou as migas do pão». A segunda é múltipla, porque ou é para as coisas temporais ou para as coisas espirituais. Se é do primeiro modo, ou é apenas espiritual, ou corporal, ou ambas. A primeira é a falta de espírito na medida em que os sentimentos não satisfazem o homem mas ele deseja sempre ter copiosamente muitos. Donde Séneca afirma: «não é pobre aquele que tem

---

<sup>1</sup> Desejo agradecer ao Dr António Esteves de Meireles a revisão desta tradução, assim como algumas das suas sugestões. No entanto, qualquer falha ou eventual imperfeição é da minha inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> Mt. 5:3.

<sup>3</sup> Lc. 16:19-31.

<sup>4</sup> Sancti Gregorii, *Moralium sive Expositio in Job*, XVIII, c. xix (PL 76, col. 53C: «Quid retribuui subtilius, quid districtius potest? Guttam aquae petit, qui micas panis negavit. Apprehendit ergo eum quasi aqua inopia»).

est. Et Gregorius *Super Ezechiel* liber I, omelia octava: Ille pauper est qui eget eo quod non habet, nam qui non habens habere non appetit dives est, paupertas quippe in inopia mentis est, non in quantitate possessionis. Paupertas autem corporalis tantum est carentia bonorum temporalium sine amore carenti propter Deum. Quidam enim invite hanc sustinent, quidam voluntarie set non propter Deum. Prima anxietatem habet; secunda vanitatem. De prima Crisostomos omelia 81a *Super Matteum*: Inopia non voluntaria camino et fera est difficilior. De secunda Bernardus in sermone quodam: Nec voluntaria paupertas omnis laudem habet apud Deum. Nam philosophi sua reliquisse dicuntur, ut expediti mundialibus curis studio veritatis possent vacare liberius, et nolebant sensu habundare terreno, ut habundarent in suo sensu. Paupertas corporalis simul et spiritualis manifesta est, quando scilicet cum penuria rei temporalis exterius est inopia cupiditatis interius. Hii sunt qui nunc cruciantur in mundo et tandem torquentur cum dyabolo. Ieremias 17: Duplici contritione contere eos. Psalmo: induantur sicut diploide confusione sua. Paupertas autem mala quo ad spiritualia est penuria meritorum et carencia virtutum. De primo, Bernardus *Super Canticum*: Perniciosa paupertas, penuria meritorum presumpcio autem spiritus, fallaces divicie. De secundo Gregorius libro 34 *Moralium*: Pauper est qui virtutum divicias non habet.

pouco, mas aquele que deseja ter mais»<sup>5</sup>. Também Gregório diz, *Sobre Ezequiel*, livro 1, na oitava homilia: «é pobre aquele que necessita daquilo que não tem; na verdade, é rico, aquele que mesmo não tendo, não deseja ter. Sem dúvida, que a pobreza está na carência de espírito, não na quantidade da posse<sup>6</sup>. Porém, a pobreza corporal é apenas a carência dos bens temporais, sem desejo de carecer, por causa de Deus. Com efeito, alguns aguentam-na involuntariamente, outros voluntariamente, mas não por causa de Deus. A primeira possui a ansiedade, a segunda, a vaidade. Sobre a primeira, S. João Crisóstomo na homília 81, sobre S. Mateus diz: «a indigência não voluntária é mais difícil que o fogo e que o animal selvagem»<sup>7</sup>. Sobre a segunda, Bernardo de Claraval diz num sermão: «nem toda a pobreza voluntária tem o mérito junto de Deus»<sup>8</sup>. Com efeito, diz-se que os filósofos abandonaram as suas coisas, a fim de que, desembaraçados das suas preocupações mundanas, pudessem dedicar-se mais livremente ao estudo da verdade, e não queriam satisfazer-se plenamente no terreno dos sentidos, para não transbordarem nas suas emoções.

A pobreza corporal e espiritual manifesta-se, simultaneamente, sempre que, por exemplo, na penúria de uma coisa temporal mais exterior, manifesta-se a indigência do desejo mais interior. Estes são aqueles que agora são crucificados no mundo e, finalmente, são atormentados com o diabo. Diz Jeremias: «aniquilai-os com uma dupla desgraça»<sup>9</sup>. O salmo diz: «eles são induzidos duplamente pela sua confusão»<sup>10</sup>. Ora, a má pobreza, em relação às coisas espirituais é a míngua dos méritos e a carência das virtudes. Sobre a primeira, Bernardo declara no *Cântico dos Cânticos*: «a pobreza perniciosa é a penúria dos méritos mas a presunção do espírito são as riquezas enganosas»<sup>11</sup>. Sobre a segunda, S. Gregório afirma no

<sup>5</sup> Seneca, *Epistulae Morales ad Lucilium*, I, ii: «‘Honestas’, inquit, ‘res est laeta paupertas’. Illa vero non est paupertas, si laeta est; non qui parum habet, sed qui plus cupit, pauper est».

<sup>6</sup> S. Gregorii, *In Ezechiel Prophetam*, II, homilia VI (PL 76, col. 1007 C-D): «Ille enim pauper est, qui eget eo quod non habet. Nam qui et non habens habere non appetit, dives est. Paupertas quippe in inopia mentis est, non in quantitate possessionis».

<sup>7</sup> S. Johannis Crisostomi, *Homeliae in Mathaeum*, homilia 81 (PG 58, col. 735): «Paupertas quippe involuntaria fornace et feris gravior est».

<sup>8</sup> S. Bernardi, *Sermones in Cantica Canticorum*, sermo xxvii (PL 183, col. 914A): «Quid voluntaria paupertas? Quid humilitas? Nonne altera regnum aeternum (Mt. 5,3), altera aequae exaltationem promeretur aeternam? (Lc. 14:11)».

<sup>9</sup> Jr. 17:18.

<sup>10</sup> Sal. 108: 29.

<sup>11</sup> S. Bernardi, *Sermones in Cantica Canticorum*, sermo lxxviii (PL 183, col. 1111B): «Perniciosa paupertas, penuria meritum; praesumptio autem spiritus, fallaces divitiae».

2. Paupertas autem bona vel est quo ad spiritualia vel quo ad temporalia. Si primum tunc est humilitas qua se sentit homo spiritualibus bonis carere, vel de se nichil penitus habere. Unde Gregorius libro 16 *Moralium*: Quia divicie visibiliter potentes ostendunt, apud semetipsos pauperes sunt qui elati in suis conscientiiis non sunt. Si secundum, vel est spiritualis tantum vel corporalis simul et spiritualis. Si primo modo tunc est contemptus temporalium, quando scilicet nec reputantur nec amantur quantum ad se, set ad hoc tantum habentur ut in pios usus expendantur, et hoc est vere virtus. Bernardus in epistola quadam: Non paupertas virtus reputatur, set paupertatis amor. Beati enim pauperes non rebus set spiritu. De hac Proverbiis 13: Est quasi pauper cum in divitiis multis sit. Et Gregorius *Super Ezechiel* libro I omelia tertia, tangens illud libro 14 <Lucae>: Qui non renunciat. Multi possidendo renunciant, sic enim ad usum possessa retinent ut eis ex desiderio non succumbant. Hec autem paupertas cunctis possidentibus ad salutem est necessaria, quia sine hac nec veri cristiani nec Deo digni esse

livro 34 da *Grande Moral*: «é pobre aquele que não possui uma abundância de virtudes»<sup>12</sup>.

2. A pobreza é boa, quer para as coisas espirituais quer para as coisas temporais. Se é a primeira, então, é a humildade, através da qual o homem sente a falta dos bens espirituais, ou de nada possuir completamente. Por isso, Gregório, no livro 16 da *Grande Moral* diz: «Porque as riquezas mostram visivelmente os poderosos junto dos que são absolutamente pobres, pois estes não são altivos nas suas consciências»<sup>13</sup>. Se é a segunda, ou é unicamente espiritual ou simultaneamente corporal e espiritual. Se é do primeiro modo, então, é desprezo das coisas temporais, quando, naturalmente, as coisas não são estimadas nem amadas por si mesmas, mas, unicamente em relação às coisas que são possuídas, de tal maneira que sejam apreciadas nos actos piedosos, e nisto consiste, verdadeiramente, a virtude. Bernardo, numa epístola, diz: «a pobreza não é considerada uma virtude, mas o amor da pobreza»<sup>14</sup>. Na verdade, bem aventurados os pobres, não em coisas, mas em espírito<sup>15</sup>. A respeito disto, diz o livro dos *Provérbios*, 13: «embora tenha grandes riquezas, é como se fosse um pobre»<sup>16</sup>. E Gregório, *Sobre Ezequiel*, no livro I, na terceira homilia, abordando o livro de S. Lucas, 14, declara: «aquele que não renuncia a tudo que possui <não pode ser meu discípulo>. Porém, muitos renunciam ao que possuem, porque assim mantêm as coisas que possuem para uso, a fim de que não lhes cedam pelo desejo»<sup>17</sup>. Ora, esta pobreza é necessária a todos aqueles que a possuem, para a salvação, porque, sem ela, não podem ser

<sup>12</sup> S. Gregorii, *Moralium seu Expositio in Job*, XXXIV, c. iii (PL 76, col. 720C): «Quasi divitem se asserit, qui per arrogantiam sanctitatis extollitur, sed pauper, caecusque et nudus arguitur. Pauper utique, quia virtutum divitas non habet; caecus, quia nec paupertatem quam patitur videt; nudus, quia primam stolam perdidit, sed pejus, quia nec se perdidisse cognoscit».

<sup>13</sup> S. Gregorii, *Moralium seu Expositio in Job*, XXVI, c. xxvii (PL 76, col. 378B): «Quia enim divitiae visibilibus potentes ostendunt, apud semetipsos pauperes sunt, qui elati in suis conscientiis non sunt».

<sup>14</sup> S. Bernardi, *Epistola C ad episcopum quemdam* (PL 182, col. 235C): «Non enim paupertas virtus reputatur, sed paupertatis amor».

<sup>15</sup> Cf. Mt. 5: 3.

<sup>16</sup> Pr. 13:7.

<sup>17</sup> S. Gregorii, *In Ezechiel Prophetam*, lib. II, homilia iii (PL 76, col. 969B): Audiat quod illic dicitur: *Qui non renuntiaverit omnibus quae possidet, non potest esse meus discipulus* (Luc. XIV, 33). «Quidam enim relinquunt omnia, multi autem etiam possidendo renuntiant, qui sic ad usum possessa retinent, ut eis ex desiderio non succumbant».

possunt. De primo Augustinus *De vera innocentia*, libro tertio: Divites cristiani sunt, si veri cristiani sunt; prorsus pauperes sunt et in comparacione bonorum celestium que sperant, omne aurum suum arenam reputant, quia ibi quisque habet divicias suas ubi delectionem. De primo Seneca: Nemo Deo dignus, qui opes non contempserit. Psalmo: Divicie si affluent nolite cor apponere. Si secundo modo, tunc est vera paupertas corporalis simul et spiritualis, quando scilicet relictis bonis temporalibus paupertas eligitur, vel habita pacienter sustinetur. De utraque Bernardus in epistola quadam: Pauperiem equo animo ferre virtus paciencie est <fol.317v> sponte appetere sapiencie laus est. Hec autem fuit paupertas Cristi et discipulorum suorum quos de mundo elegit, que precipue beatos et sanctos facit.

Premissa paupertatis distincione consequenter videndum qualis debeat esse ad hoc ut beatificet.

## <<II: De paupertate, qualis est beatificans>>

3. Sciendum igitur quod debet esse sancta, vera, fructuosa, magnanimis, humilis, voluntaria, leta, gratiarum activa. Primo ergo sit sancta, ut scilicet pauper sit sine crimine, quia sicut dicit Ieronimus *Ad Salivam*: nec paupertatem egestas commendabilem facit, si inter sordes et inopiam peccata non caveat. Idem *Ad Precipuum*: non sufficit opes contemnere nisi sequaris Cristum. Cristum autem sequitur qui peccata dimittit et virtutum comes est. Secundo sit vera et non

verdadeiros cristãos nem dignos de Deus. Relativamente à primeira, Agostinho declara n’*A verdadeira inocência*, livro terceiro: «Os cristãos são ricos, se são verdadeiros cristãos; ao contrário, são pobres, por comparação com os bens celestiais que esperam, pois consideram todo o seu ouro como areia, porque todo aquele que tem aqui as suas riquezas, aí está a sua deleitação»<sup>18</sup>. Do primeiro, diz Séneca: «nenhum homem é digno de Deus, senão aquele que tiver desprezado as obras»<sup>19</sup>. O *Salmo*: «Se as riquezas abundam, não queirais sobrepor-las ao coração»<sup>20</sup>. Se é do segundo modo, então a verdadeira pobreza é, de igual forma, corporal e espiritual, quando, por exemplo, a pobreza é escolhida, deixando os bens temporais, ou então é mantida pacientemente, quando adquirida. Bernardo diz de cada uma delas, numa epístola: «suportar a pobreza com espírito justo, é virtude de paciência; procurá-la espontaneamente, é digna de sabedoria»<sup>21</sup>. Ora, esta foi a pobreza de Cristo e dos seus discípulos, que ele recrutou no mundo, para os tornar, principalmente, santos e bem aventurados<sup>22</sup>. Desta primeira distinção da pobreza, é preciso ver, de seguida, como ela deve ser, e por isso, que beatifica.

## <II – Sobre a pobreza, de que maneira ela beatifica>

3. Portanto, deve-se dizer que deve ser santa, verdadeira, frutuosa, magnânima, humilde, voluntária, alegre e produtora de graças. Primeiro, que ela seja santa, a saber, que o pobre «seja isento de crime, porque, como diz S. Jerónimo na epístola *Ad Salivam*, «a indigência não faz a pobreza recomendável, se não evita os pecados entre a desonra e a vacuidade». O mesmo afirma na carta *Ad Praecipuum*: «não é suficiente desprezar a riqueza se não se seguirem a Cristo»<sup>23</sup>. Ora, aquele que segue a Cristo é aquele que tira os pecados e que é companheiro das virtudes. Em segundo,

<sup>18</sup> Prosperi Aquitani, *Sententiae ex Augustino delibatae*, CCXXXII (PL 45, col. 460A): «Divites christiani, si veri christiani sunt, prorsus pauperes sunt, et in comparationem coelestium bonorum, quae sperant, omne aurum suum arenam deputant: quia ibi quisque habet divitias suas ubi delectationem».

<sup>19</sup> Seneca, *Epistulae Morales*, II, XVIII, *Ad Lucilium*: «Nemo alius est deo dignus quam qui opes contempsit».

<sup>20</sup> *Sal.* 61: 11.

<sup>21</sup> S. Bernardi, *Epistola XXIV, Ad Magistrum Gillebertum Universalem* (PL 182, col. 129A): «Pauperiem aequo animo ferre, virtus sapientiae est; sponte appetere, sapientiae laus est».

<sup>22</sup> Cf. Jo. 15: 19.

<sup>23</sup> Hieronymus Stridonensis, *Epistolae. Tertia classis. Epistola LXXIX, Ad Salivam* (PL 22, col. 724): «Nec diviti sunt obsunt opes, si eis bene utatur: nec pauperem egestas comendabiliorem facit, si inter sordes et inopiam peccata non caveat».

simulata, quia dicit Seneca *De beneficiis*: Iniquissimum est te pecuniam sub gloria egestatis querere. Tertio sit fructuosa, scilicet ne sit pauper ociosus set utiliter occupatus, quia, ut dicit Bernardus libro *De consideracione*, ociositas est mater nugarum, noverca virtutum. Ecclesiasticus 33: Multa <m> ma<liciam> do<cuit> o<ciositas>. Quarto sit magnanimis ut sic pauper inopiam non timeat, quia dicit Gregorius libro 7 *Moralium*: Qui pati inopiam in terra meruit eternam sibi habundanciam superne refeccionis abscidit. Quinto sit humilis quia odibilis est Deo pauper superbus. Ecclesiasticus 25: Tres species odi<vit> anima mea <et adgravor valde anime illorum> pauperem superbum. Sexto sit voluntaria exemplo Cristi qui propter nos eg<e>nus factus est cum esset dives. <II> Corinthios 8, et exemplo apostolorum, Ieronimus *Ad Precipuum*: Apostoli quantum ad divicias nichil, quantum ad voluntatem totum mundum reliquerunt. Septimo sit leta, ut scilicet pauper nec doleat nec anxietur propter inopiam. Crisostomus *Super Epistolam ad Hebreos*: Quid luges quoniam pecuniam non habes? Excogita quoniam ablata est tibi peccatorum materia. Exemplum de filiis Israel in quos Dei deseivit ira, quia murmurabant cum egerent. Octavo sit gratiarum activa quia Iacob



que seja verdadeira e não simulada, porque diz Sêneca, no *De beneficiis*: «é muito iníquo que tu procures a fortuna sob a glória da indigência»<sup>24</sup>. Em terceiro, seja frutuosa, isto é, para que o pobre não seja ocioso, mas que se ocupe de forma útil, pois, como diz Bernardo, no livro *Acerca da Consideração*, «a ociosidade é a mãe das coisas inúteis, a madrastra das virtudes»<sup>25</sup>. Diz o livro do *Eclesiástico*: «a ociosidade ensina muita malícia»<sup>26</sup>. A quarta é a magnanimidade, a fim de que o pobre não receie a indigência, pois, declara Gregório no livro 7 da *Grande Moral*: «Aquele que não quis sofrer a indigência na terra, afastou de si a eterna abundância do descanso celeste»<sup>27</sup>. A quinta é a humildade, porque o pobre que é soberbo é odioso para Deus. Diz no livro do *Eclesiástico*: «existem três espécies de gentes que odeiam a minha alma e sou molestado fortemente, como um pobre soberbo pelo espírito destes <o pobre soberbo, o rico mentiroso e o velho louco e insensato>»<sup>28</sup>. A sexta é o acto voluntário, a exemplo do Cristo que, por causa de nós, se tornou pobre, ainda que fosse rico. Encontramos também o exemplo dos apóstolos, na 2ª carta aos Coríntios<sup>29</sup>. S. Jerónimo, em *Ad Praecipuam*, diz: os apóstolos quanto às riquezas, nada deixaram, mas quanto à vontade, deixaram inteiramente o mundo»<sup>30</sup>. A sétima é a alegria, a fim de que assim o pobre não se aflija nem se angustie por causa da indigência. S. João Crisóstomo na *Epístola aos Hebreus*, diz: «por que te lamentas, porque não tens fortuna? Reflecte porque te é retirada a matéria dos pecados»<sup>31</sup>. É o exemplo dos filhos de Israel, sobre os quais a ira de Deus exerceu a sua fúria, quando eles murmuravam, que eram indigentes.

<sup>24</sup> Seneca, *De beneficiis*, II, c. xvii: «Iniquissimum est te pecuniam sub gloria egestatis acquirere».

<sup>25</sup> S. Bernardi, *De consideratione*, II, xiii (PL 182, col. 756B): «Fugienda proinde otiositas, mater nugarum, noverca virtutum».

<sup>26</sup> Eccl. 33:29.

<sup>27</sup> S. GREGORII, *Moralium seu Expositio in Job*, VII, c. vii (PL 75, col. 783B): «Cumque carnis subsidia reservando trepidus praeparat, ab alimentis misericordiae animam necat; et cum pati in terra inopiam metuit, aeternam sibi abundantiam supernae refectionis abscindit».

<sup>28</sup> Eccl. 25:3-4.

<sup>29</sup> Cf. 2Cor. 8:9.

<sup>30</sup> Referência não encontrada pelos editores, em Jerónimo Stridonensis. Encontra-se, no entanto enunciada em Lupus de Olmeto, *Regula Monachorum ex scriptis Hieronymi per Lupum de Olmeto, De paupertate*, c. iv (PL 30, col. 333 D): «Zachaeus dives erat: apostoli pauperes: et quantum ad divitias nihil, quantum ad voluntatem totum mundum reliquerunt».

<sup>31</sup> S. Johannis Crisostomi, *Homiliae in Epistolam ad Hebraeos*, homilia xx (PG 63 col. 146): «Cur ergo luges? Quod non habeas pecunias? Sed cogita tibi sit ablata peccatorum occasio».

2: Nonne Deus elegit pauperes in hoc mundo, divites autem in fide et heredes regni? et cetera. Crisostomus, omelia quarta <*Super Mattheum*>: par<es> pueris illis, scilicet de quibus Daniel: Similes sunt qui paupertatem omnino gratiarum accione ferunt. Eterni igne terribilius paupertas incendere assuevit, pueros autem illos nequaquam ignis incendit, set quia gracias egerunt dominatori etiam vincula eis confestim dissoluta sunt. Ita et nunc si incidens in paupertatem gratias egeris et vincula dissolventur et flamma extinguetur. Et quod est mirabilius, pro flamma fons orietur, scilicet presentis consolacionis et eterne remuneracionis. Exemplum de Lazaro, cuius vulnera hic canes lingeant et animam Abrahe sinus recepit.

<III: Qualiter paupertas sit pocius affectanda quam aspernanda>

4. Ultimo videndum qualiter paupertas sit pocius affectanda quam aspernanda; quod patere potest tam a parte paupertatis quam ipsius pauperis. A parte paupertatis propter eius eminentem bonitatem, honestatem et dignitatem. Primum patet, quia omne bonum vel est temporale vel spirituale, set paupertas melior est bonis temporalibus. Unde Crisostomus *Super Primam ad Tymotheum*: Bene melior divitiis inopia. Nam illa quidem et invitos detinet in virtute, hee vero neque volentes sobrios esse dimittunt set evertunt. Bonum autem spirituale vel est virtus vel opus virtutis, set paupertas voluntaria virtutum est precipua. Unde Crisostomus *Super Espistolam ad Hebreos*, prima est omnis virtutis esse

A oitava é a acção das virtudes, pois em Tiago se declara: «não é verdade que Deus escolhe os pobres neste mundo, mas escolhe também os ricos na fé e os herdeiros do Reino <que Ele prometeu aos que o amam>?»<sup>32</sup>. S. João Crisóstomo diz na sua quarta Homília *Sobre Mateus*: «são iguais às crianças, a exemplo dos quais, diz Daniel: são semelhantes aqueles que suportam absolutamente a pobreza pela acção dos dons. Na verdade, a pobreza é mais terrível que o fogo e costuma incendiar; o fogo, porém, de modo algum queimou aquelas crianças, porque deram graças ao Senhor, e logo de imediato, os agrilhoamentos lhes foram desatados. Assim também agora, se ao caíres na pobreza deres graças, não só os grilhões serão desatados mas também a chama será extinguida»<sup>33</sup>. E, o que é mais admirável, uma fonte nascerá, em vez de chama, a saber, pela presença da consolação e merecimento eterno. Este é o exemplo de Lázaro, cujas feridas, então, os cães lambiam e cuja alma, o seio de Abraão recebeu<sup>34</sup>.

### <III. Como a pobreza deve ser mais procurada do que rejeitada>

4. Por último, deve-se ver de que maneira a pobreza deve ser procurada, mais do que rejeitada, o que pode acontecer, tanto da parte da pobreza, como do próprio pobre. Da parte da pobreza, em razão da sua eminente beleza, honestidade e dignidade. Primeiro, porque é evidente que todo o bem ou é temporal ou espiritual. No entanto, a pobreza é melhor que os bens temporais. Por isso, S. João Crisóstomo na sua homília *sobre a primeira carta a Timóteo* diz, que a pobreza é bem melhor que as riquezas<sup>35</sup>. Na verdade, ela mantém também na virtude, mesmo as coisas involuntárias, pois estas não são abandonadas mas rejeitadas pelos que desejam ser sóbrios. Ora, o bem espiritual ou é a virtude ou a obra da virtude, porém, a pobreza voluntária é, de entre as virtudes, a principal. Onde, Crisóstomo, na *Homília sobre a Epístola aos Hebreus*, diz que a primeira de

<sup>32</sup> Tg. 2:5.

<sup>33</sup> S. Johannis Crisostomi, *Homiliae in Mathaeum*, homília iv, c. x (PG 57, col. 53-54): «Etenim pueris illis pares sunt ii qui paupertatem cum gratiarum accione ferunt. Nam igne terribilior est mendicitas, magisque incendere solet, sed flamma pueros illos non incendit, verum quia gratias Domino reddiderunt, vincula ipsorum subito soluta sunt. Ita et nunc, si in paupertatem lapsus gratias agas, vincula solvuntur et flamma extinguitur; si non extinguitur, id quod mirabilius est, pro flamma fons efficitur».

<sup>34</sup> Cf. Lc. 16:21.

<sup>35</sup> Referência não encontrada pelos editores.

extraneum a mundo, opus autem virtutis maximum. Vel est opus misericordie quo ad proximum, vel religionis monastice <fol. 318r> quo ad proprium subiectum. Set paupertas voluntaria opus misericordie bonitate precellit, monasticam autem professionem conservat et nutrit. Primum patet per Augustinum libro *De diffinitionibus recte fidei*. Dicit enim ibi: Bonum est facultates cum dispensacione erogare pauperibus, set melius pro intencione sequendi Dominum semel donare et absolutum sollicitudine egere cum Cristo. Secundum vero frequens docuit experientia. Quamdiu enim religiosi quique pauperes fuerunt in sanctitate vixerunt, set postquam temporalibus inheserunt voluptati et vanitati indulserunt. Ieronimus <Super> *Primam* <ad> *Thimotheum* vi: Qui volunt divites fieri incidunt in laqueum et in temptationem dyaboli et in desideria multa et inutilia.

5. Habet insuper voluntaria paupertas eminentem honestatem. Unde Crisostomus *Super Mattheum* omelia ultima: Paupertas puelle cuidam pulcre et speciose similis esse videtur, etenim oculus eius est purus et preclarus nichil habens turbulentum. Set is qui est avaricie nunc quidem furore plenus, nunc voluptate, nunc ab incontinenia turbatus. Set non paupertatis oculus talis est, set mansuetus, tranquillus, delectabilis, mitis, humilis, nullum odio habens, nullum avertens. Hoc autem et os et lingua sana est, continua gratiarum actione plena et benedictione verbis amicabilibus et laudibus. Si autem et proporcionem membrorum eius videre vis, longa est et multum excelsior quam habundancia.

todas as virtudes é estranha ao mundo, porém, a obra de virtude é a suprema<sup>36</sup>. Ou é obra da misericórdia relativamente ao próximo, ou da religião monástica que diz respeito a si próprio. Todavia, a pobreza voluntária ultrapassa a obra de misericórdia pela beleza, ao contrário, a pobreza monástica conserva e alimenta o «estado». Primeiro, como demonstra Agostinho no livro *As definições da recta fé* «é bom distribuir as faculdades, com regra pelos pobres, mas ainda é melhor dar, com intenção de seguir, definitivamente o Senhor e de espalhar, em favor de uma absoluta solicitude com Cristo»<sup>37</sup>. Em segundo, veja-se que a experiência ensina frequentemente. Com efeito, os religiosos que foram pobres, viveram em santidade, mas quando aderiram às coisas temporais, abandonaram-se ao prazer e à vaidade. S. Jerónimo no seu *Comentário à primeira carta a Timóteo VI*: «aqueles que querem tornar-se ricos, caem na armadilha e na tentação do diabo e em múltiplos e inúteis desejos»<sup>38</sup>.

5. A pobreza voluntária possui, além do mais, uma honestidade excelsa. Por isso, S. João Crisóstomo na sua última homilia sobre S. Mateus, afirma: «a pobreza parece assemelhar-se a uma certa jovem, bela e formosa, pois os seus olhos são puros e claros, não sendo perturbados por coisa alguma. Mas aquele que está possuído de uma avareza desregrada, é perturbado quer, pela voluptuosidade quer, pela incontinência. Porém, tais olhos não são da pobreza, mas que são do que é manso, do que é tranquilo, do que é agradável, do que é doce e humilde, que não possui ódio algum, e que não se perverte. Ora, quando a boca e a língua são sãs, é por meio de uma contínua e plena acção de graças e por meio do louvor de palavras afectuosas e merecidas. Se, por outro lado, queres também ver a harmonia das suas partes é muito mais excelente e ela é mais profunda que a abundância»<sup>39</sup>.

<sup>36</sup> Referência não encontrada pelos editores.

<sup>37</sup> Rabanus Maurus, *De universo*, IV, c. x (PL 111, col. 102B): «Bonum est facultates cum dispensatione pauperibus erogare: melius est pro intentione sequendi Dominum insimul donare, et absolutum sollicitudine egere cum Christo».

<sup>38</sup> 1 Tm. 6:9. Hieronymus Stroninensis, *Super Epistolam Primam ad Timotheum* (PL 29, col. 802B): «Nam qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, et in laqueum diaboli, et desideria multa inutilia, et nociva, quae mergunt homines in interitum et perditionem».

<sup>39</sup> S. Johannis Crisostomi, *Homiliae in Mathaeum*, homilia xci (PG 58, col. 791-792): «Mihi paupertas similis videtur puellae ornatae, pulchrae et formosae ... si quidem oculus ejus purus est et dilucidus, nihil turbidum habens, ut habet oculus avaritiae, qui nunc ira, nunc voluptatae plenus est, nunc intemperantia turbatus. At non perinde se habet oculus paupertatis sed mansuetus est, serenus, suaviter omnes intuens, lenis, jucundus neminem odio habens, neminem aversans

6. Dignitas vero eius satis elucescit, quoniam genus martyrii est et status perfeccionis. De primo Bernardus in sermone quodam: Vere martyrii genus paupertas voluntaria est. Quid mirabilius, aut quod martirium gravitus est, quam inter epulas esurire, inter vester multas et preciosas algere, paupertate premi inter divitias quas offert mundus, quas ostendit malignus quas desiderat noster ipse appetitus?

Secundum patet, Mat. 21: Si vis perfectus esse, vade et vende omnia que habes et da pauperibus. Ad idem patet primi ratio ex parte ipsius pauperis, quoniam est ei paupertas naturalis, necessaria, honorifica et utilis. Naturalis tum quia naturam comitatur, tum quia naturam imitatur, Primum patet, quia naturale est homini terram calcare pedibus. Per terram vero terrena omnia intelliguntur. Pes autem anime affectus est, quod autem calcatur contempnitur. Sicut ergo homini secundum corpus naturale est calcare terram, sic est eidem naturale secundum animam affectu mentis terrena omnia contempnere. Unde amatores terrenorum obiurgans Psalmus dicit: Filii hominis usque <quo> gravi corde? ut quid <diligitis vanitatem, et queritis mendacium?>. Item, natura hominis est sicut ipsa eius statura docet, non ad terram inclinari cum brutis, set ad celum super erigi ut cum angelis conversetur, sicut Apostolus dicit: Nostra conversacio in celis est. Qui autem terrena diligunt monstruosi sunt in corpore recto spiritum habentes curvum, de quibus Psalmo: Homo cum in honore esset <non intellexit>. Est etiam paupertas homini naturalis, quia naturam imitatur. Homo enim pauper nascitur secundum illud Job: Nudus egressus sum de utero matris mee, et cetera. Quod

6. Na verdade, a sua dignidade manifesta-se suficientemente porque a espécie de mártir é também o estado de perfeição. Relativamente a este, diz Bernardo de Claraval, num sermão: «a verdadeira espécie de mártir é a pobreza <sup>40</sup> voluntária». O que é mais digno de admiração ou que o martírio é mais penoso que passar fome no meio de tantos banquetes, estar regelado de frio entre abundantes e ricos trajes, ser esmagado pela pobreza no meio das riquezas que o mundo nos oferece, que o maligno ostenta e as quais o nosso próprio apetite deseja?»

Conforme o demonstra em Mateus, 21: «se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens e dá aos pobres»<sup>41</sup>. Daqui se depreende então, que a causa primeira da pobreza, da parte do próprio pobre, é que, para ele, a pobreza é natural, necessária, honorífica e útil. É natural, não só porque se une à natureza, mas também porque imita a natureza. Primeiro, é evidente que é natural ao homem calcar a terra com os pés. Na verdade, todas as coisas são compreendidas como terrenas, por meio da terra. Porém, o pé da alma é o afecto, pois o que é calcado é desprezado. Portanto, assim como é próprio ao homem calcar a terra, segundo o corpo natural, assim também é por esta disposição natural, que segundo a alma se despreza todas as coisas terrenas, com a vontade da mente. Por isso, o salmo censurando os amantes das coisas terrenas, diz: «filhos dos homens, até quando de coração pesado? Por que amais a vaidade e procurais a mentira?»<sup>42</sup> De igual modo, a natureza do homem é como ensina a sua própria estatura, não para ser inclinada para a terra como os brutos, mas para ser dirigida para o céu, para que se volte para os anjos, como declara o Apóstolo: «a nossa conversão está no céu»<sup>43</sup>. Aqueles, porém que amam as coisas terrenas são monstruosos num corpo erecto, possuindo um espírito curvado, sobre os quais fala o *Salmo*: «o homem, visto que vive no seu orgulho, não compreendeu»<sup>44</sup>. Além disso, o homem tem uma pobreza natural, porque ele imita a natureza. Com efeito, o homem nasce pobre, conforme

---

... Hujus os contra et lingua sana est, gratiarum actione perenni plena, benedictione, verbis mansuetis, benevolis, obsequio plenis, et laudibus encomiisque. Si vero aptam membrorum compositionem dispicere velis, procera est illa longeque sublimior opulentia».

<sup>40</sup> S. Bernardi, *In Festo Omnium Sanctorum*, sermo 1, (PL 183, col. 462B): «Verumtamen quid sibi vult, quod eadem promissio facta est pauperibus et martyribus, nisi quia vere martyrii genus paupertas voluntaria est?»

<sup>41</sup> *Mt.* 19:21.

<sup>42</sup> *Sal.* 4:3.

<sup>43</sup> *Filip.* 3:20.

<sup>44</sup> *Sal.* 48:13

autem in medio habentur divicie a pluribus mutuum est quod hinc auferre non licet, quia, ut dicit Bernardus in sermone quodam, mundus inexo <fol. 318v> rabilem constituit ianitorem, nichil ex omnibus asportare licebit.

7. Ex iam dictis patet secundum, scilicet quod paupertas est homini necessaria, quia licet non reliquerimus temporalia necesse est ut relinquamur ab eis. Unde prima Thimotheo 7: Nichil intulimus in hunc mundum haut dubium, quia nec auferre quid possumus. Est iterum paupertas homini honorifica, quia honorabilem facit in presenti et in futuro. Primum patet, quia ipsos facit reges celi, Mat 5: Beati pauperes spiritu, et cetera. Isti reges uncti sunt non corporali oleo set spiritu, sicut et ipse Cristus quem unxit Deus spiritu sancto et virtute, Actus Apostolorum x. Purpuram habent non langarie conchilium set ipsius Cristi tinctam per imitationem passionis sue, secundum illud <II> Corinthios 4: Semper mortificationem Ihesu in corpore nostro circumferentes, ut et vita Ihesu in corporibus nostris manifestetur. Coronam insuper habent non ex auro et lapidibus preciosis intextam, set spem eternitatis fixam. Unde Gregorius libro 18. *Moralium* de paupere loquens ait: Tanto magis illic sperat se invenire propria, quanto hic cuncta que pretereunt a se deputat aliena. Spe igitur eternitatis mens pauperis efficitur gloriosa, quemadmodum capud regis corona. Quod enim capud corpori, hoc est mens toti homini, scilicet suppreum sui. Ipsa etiam eternitas corona



aquilo que diz Job: «saí nu do ventre de minha mãe, <e nu aí regressarei>»<sup>45</sup>. Mas, as riquezas que são partilhadas por vários, em partes iguais, é o que não é permitido tirar, porque, como diz Bernardo num sermão: «o mundo constitui o escravo inflexível, do qual, nada é permitido retirar»<sup>46</sup>.

7. Do que já se disse se depreende que a pobreza é necessária ao homem, porque apesar de não deixarmos as coisas temporais, é necessário que nos libertemos delas. Por isso, na primeira carta a *Timóteo*, se diz: «não há dúvida, que nada trouxemos para este mundo porque não podemos levar nada do que temos»<sup>47</sup>. Por seu lado, a pobreza glorifica o homem, porque o torna louvável no presente e no futuro. Primeiro, é evidente que ela os faz reis dos céus. <Como é dito em> Mateus: «felizes os pobres em espírito <porque deles é o Reino dos Céus>. Estes reis são ungidos não com óleo do corpo mas do espírito, como também o próprio Cristo foi ungido por Deus, no Espírito Santo e na virtude, como é afirmado nos Actos dos Apóstolos X<sup>48</sup>. Eles possuem a cor púrpura não como ostra sem cor, mas a tinta do próprio Cristo, por imitação da sua paixão, conforme o que é afirmado na 2ª carta aos Coríntios: «trazemos sempre a mortificação de Jesus no nosso corpo, a fim que se manifeste também a vida de Jesus nos nossos corpos»<sup>49</sup>. Eles têm sobre si, não uma coroa entrelaçada de ouro e de pedras preciosas, mas uma esperança fixa na eternidade. Por isso, Gregório no livro 18 da sua *Moral*, quando fala da pobreza diz: «quanto mais espera encontrar lá em baixo, as coisas que lhe são próprias, tanto mais, todas as coisas que aqui passaram, as julga estranhas a si»<sup>50</sup>. Portanto, o espírito de pobreza produz, por uma gloriosa esperança da eternidade, que é como a cabeça coroada do rei. Com efeito, o que é a cabeça do corpo, é o espírito de todo o homem, como o que é mais supremo dele. Por isso,

<sup>45</sup> Job 1:21.

<sup>46</sup> Gaufridus Claravaellensis, *Gaufridi Abbatis declamationes de colloquio Simonis cum Jesu, ex S. Bernardi sermonibus collectae, ad Henricum sanctae Romanae ecclesiae cardinalem*: xiv – De oculis Judae (PL 184, col. 446D): «Sane argentum et aurum non nihil est: sibi utrumque retinet mundus. Inexorabilem constituit janitorem: foramen angustum est, nihil ex omnibus asportare licebit».

<sup>47</sup> 1Tim. 6:7.

<sup>48</sup> Act. 10:38.

<sup>49</sup> 2 Cor. 4:10.

<sup>50</sup> S. Gregorii, *Moralium seu Expositio in Job*, XVIII, c. xxx (PL 76, col. 63A): «Quis autem in hoc mundo peregrinatur populus, nisi qui ad sortem electorum currens, habere se patriam novit in coelestibus; et tanto magis se illic sperat invenire propria, quanto hic cuncta quae praetereunt esse a se deputat aliena?».

est, quia nec incipit nec desinit. Facit eciam paupertas homines honorabiles, quia amicos Dei. Unde Gregorius omelia xxa secunde partis: Honorate quos pauperes cernitis, et quos foris conspicitis despectos seculi, intus arbitramini amicos Dei. Amicitia enim huius mundi inimica est Deo, Iacob 4. Quicumque ergo voluerit amicus esse huius seculi inimicus Dei constituitur. Quanto igitur amor mundi maior fuerit tanto amor Dei minor, et econtrario. Unde Apostoli, quia mundum reliquerant, amici Dei facti sunt, Iohannes: Vos autem dixi amicos. Facit insuper paupertas fratres Cristi et coheredes regni sui. De primo Mat. 25: Quoniam diu fecistis uni de hiis fratribus meis. De secundo Matt. 5: Beati pauperes spiritu quoniam ipsorum est regnum celorum. Paupertas similiter honorabiles facit in futuro, quia cum Cristo potestatem iudicativam tribuit, Job 36: Pauperibus iudicium tribuit; Mat. 19: Vos qui reliquistis omnia, et cetera; Psalmo: Suscitans de pulvere egenum, et cetera, ut collocet eum cum principibus. Gregorius libro 26 *Moralium*: Quanto huic mundo magna humilitate despecti sunt, tanto tunc acceptis sedibus maiore culmine potestatis excrescunt.

a própria eternidade é a coroa, porque não começa nem acaba. A pobreza torna os homens honráveis, porque amigos de Deus. Desta feita, Gregório, na 22ª homilia, diz: «honrai aqueles que considerais pobres e aqueles que olhais no seu exterior como desprezados pelo mundo, e julgais interiormente como amigos de Deus»<sup>51</sup>. A amizade deste mundo é inimiga de Deus, como diz Tiago<sup>52</sup>. Todo aquele, portanto, que quer ser amigo deste mundo é constituído inimigo de Deus. Quanto maior for, portanto, o amor ao mundo, tanto menor é o amor de Deus e vice-versa. Daí os Apóstolos dizerem que é porque deixaram o mundo que se tornaram amigos de Deus. E João declara: «chamei-vos, porém, amigos»<sup>53</sup>. A pobreza fá-los, além disso, irmãos de Cristo e herdeiros do seu reino. Em primeiro, em S. Mateus [é afirmado]: «porque o que vós fizestes a um destes irmãos, fizeste-lo a mim». Em segundo, também em Mateus é dito: «felizes os pobres em espírito, porque é deles o reino dos Céus»<sup>54</sup>. A pobreza torna-nos, de forma semelhante, honráveis no futuro, porque Deus concede a Cristo o poder de julgar. No livro de Job: «ele concede o juízo aos pobres»<sup>55</sup>. E, em Mateus: «vós que deixastes todas as coisas»<sup>56</sup>. E no *salmo*, vem: «Deus levanta o pobre da poeira e <eleva o indigente da imundície e coloca-o por entre os príncipes»<sup>57</sup>. Por seu lado, Gregório afirma no livro 26 da sua *Moral*: «quanto mais os pobres foram desprezados neste mundo com grande humildade, tanto mais serão elevados, quando receberem o trono, para maior coroamento da dignidade»<sup>58</sup>.

<sup>51</sup> S. Gregorii, *Homiliae XL in Evangelia*, lib II (PL 76, col. 1312B): «Honorate quos pauperes videtis, et quos foris conspiciatis despectos saeculi intus arbitramini amicos Dei». Segundo dizem os editores, alguns textos usam, contudo, ‘cernitis’. Veja-se, por exemplo, Ad S. Isidori Hispalensis opera appendices. Auctor incertus, *Appendix ix sententiarum liber quartus* (PL 83, col. 1184D): «Honorate quos pauperes cernitis, et quos foris conspiciatis despectos saeculi, intus arbitramini amicos Dei. Cum eis participamini [Al., participate] quod habetis, ut quandoque dignentur vobiscum comparticipari [Al., comparticipare] quod habent», Gregorius, *Moralium seu Expositio in Job*, XXI, xix, n. 30; II in Evang., hom., xl, 12.

<sup>52</sup> Tg. 4:4.

<sup>53</sup> Jo. 15:14.

<sup>54</sup> Mt. 5:3.

<sup>55</sup> Jb. 36: 6.

<sup>56</sup> Cf. Mt. 19:27-29.

<sup>57</sup> Sal. 112:7-8.

<sup>58</sup> S. Gregorii Magni, *Moralium seu Expositio in Job*, XXVI, c. xvii (PL 76, col. 380C): «Dicatur igitur recte: Judicium pauperibus tribuit, quia quanto huic mundo magna humilitate despecti sunt, tanto tunc acceptis sedibus majore culmine potestatis excrescunt».

## &lt;Utilitas paupertatis&gt;

8. Ex iam dictis paret quam fatui sunt qui pauperes contempnunt seu opprimunt. Est insuper paupertas utilis, quia multum prodest homini quo ad Deum, quo ad dyabolum, quo ad proximum et quo ad proprium subiectum. Quo ad Deum, quia Deum digne laudat: Psalmo: Pauper et inops Deum glorificat; Crisostomus *Super Matteum*: Paupertas dum magnanimiter sustinetur, ad gloriam Dei proficit. Item boni pauperes sacrificium Deo offerunt gratissimum, quia seipsos. Unde Gregorius *super Ezechiel*, libro primo omelia 12: Qui cuncta que mundi sunt deserunt et totam mentem igne divini amoris incendunt, hii nimirum omnipotenti Domino sacrificium et holocaustum fiunt, Psalmo: Sacrificium Deo spiritus contributatus, et alibi: Immola Deo sacrificium laudis. Hoc autem precipue faciunt pauperes, quia non <fol 319r> distrahuntur curis temporalibus.

9. Prodest eciam paupertas homini quo ad dyabolum, ut ipsum deterreat, ut manus eius evadat, ut congregiendi non subcumbat, ut de ipso triumphet. Primum patet per exemplum: si quis enim rex tyrannum superasset, ubicumque vexillum illius regis expansum videret, ipse cum suis multum timeret. Set Cristi vexillum paupertas est, a quo dyabolus devictus est. Secundum patere potest, quia dyabolus vel obsidet hominem vel insequitur. Si primum, tunc paupertas est homini quasi fossatum magnum, Capitulo secundo Abacuc 2: Ve qui congregat non sua; usquequo aggravat contra se densum lutum. Tucius est enim habere fossatum

### <Utilidade da pobreza>

8. Do que já foi dito se depreende, quão insensatos são aqueles que desprezam ou oprimem os pobres. A pobreza é muito útil porque é mais útil ao homem do que a Deus, do que ao diabo, do que ao próximo e do que ao próprio sujeito. Relativamente a Deus, porque o homem louva Deus mais dignamente. O Salmo diz: «O pobre e o indigente glorificam a Deus»<sup>59</sup>. João Crisóstomo, no seu Comentário a Mateus, diz: A pobreza quando é sustentada magnanimamente, realiza-se para glória de Deus<sup>60</sup>. De igual modo, os bons pobres oferecem o gratíssimo sacrifício a Deus, ou seja, porque eles se entregam a si mesmos. Por isso, Gregório, sobre *Ezequiel*, na homilia 12, declara: «aqueles que abandonam as coisas que são próprias do mundo e enchem a totalidade do espírito com o fogo do divino amor, esses, tornam-se certamente o sacrifício e o holocausto para o Deus onipotente<sup>61</sup>, donde, a afirmação do salmo: «O espírito é devedor de um sacrifício a Deus e de outras coisas»<sup>62</sup>». Imola a Deus um sacrifício de louvor»<sup>63</sup>. Por conseguinte, os pobres fazem isto principalmente porque não perdem tempo com preocupações mundanas.

9. A pobreza é mais útil ao homem do que ao diabo, para que ele se afaste e que a sua força desapareça, de tal maneira que o homem ao combater não sucumbe e para que triunfe sobre ele. Primeiro, demonstra-se, por este exemplo: com efeito, se algum rei tivesse superado um tirano, onde quer que visse o estandarte desfraldado do rei, ele próprio temeria muito com os seus. Mas a pobreza é o estandarte de Cristo por meio do qual o diabo sai vencido. Em segundo lugar, pode-se demonstrar, porque o diabo ou ataca o homem ou segue-o. Se diz respeito ao primeiro, então, a pobreza é para o homem como um grande fosso. Pois, no livro de Habacuc se afirma: «ai, daquele que acumula o que não é seu, a ponto de agravar continuamente contra si um denso luto»<sup>64</sup>. Com efeito, é mais seguro ter

---

<sup>59</sup> Sal. 73:21.

<sup>60</sup> S. Joannis Crisostomi, *Homiliae in Mathaeum*, referência não encontrada pelos editores.

<sup>61</sup> S. Gregorii Magni, *In Ezechiel Prophetam*, I, homilia xii (PL 76, col. 933B): «Qui autem cuncta quae mundi sunt deserunt, et totam mentem igne divini amoris incendunt, hi nimirum omnipotenti Domino sacrificium et holocaustum fiunt».

<sup>62</sup> Sal. 50:19.

<sup>63</sup> Sal. 49:14.

<sup>64</sup> Cf. Hab. 2:6.

vacuum et profundum quam plenum, set paupertas fossa profunda. Si dyabolus insequitur tunc paupertas iuvat ut non capiatur, quia levem reddit eum; dives enim est quasi ornatus. Tertium pater per illud Gregorii in omelia xiiia secunde partis: Ad se nobis venientibus Dominus precipit ut renunciemus nostris, quia qui ad fidei agonem venimus, luctamen, et cetera. Quartum patet quia dicit Ieronimus *Ad Demetriadem de Joseph* loquens: Omnibus velud indumentis exuitur, ut expedicius ac forcius triumphet.

10. Prodest eciam paupertas homini quo ad proximum dupliciter, scilicet in affectu et in effectu. In affectu, ut sit amor mutuus: temporalium enim habundancia origo est discordie, set paupertas est reformacio dileccionis. Primum patet in Abraham et Loth, Genesi 13: Erat substantia eorum multa et nequibant, et cetera. Secundum patet Actibus 4 ubi dicitur: Multitudinis credencium erat, et cetera <cor unum et anima una>. In effectu, quia pacientem reddit hominem et beneficum. Unde Crisostomus *Super ad Hebreos*: Innoxii sumus circa mala paciendum prompti ad beneficia; hoc autem erit si pecunias contempserimus et gloriam.

11. Prodest insuper paupertas homini quo ad proprium subiectum tam in presenti quam in futuro. In presenti ut liberetur a malo et consequatur bonum. Malum autem duplex est, scilicet culpe et pene. Culpa autem aut inest aut imminet. Contra primum valet, quod enim est ignis metallo et medicina morbido, hoc est

um fosso vazio e profundo do que ter um fosso cheio, pois a pobreza é um buraco profundo. Se diz respeito ao segundo, se o diabo persegue, então, a pobreza ajuda de forma que não sejamos apanhados, porque torna-o leve. Na verdade, o rico é como um ornamento. Terceiro, como se depreende de Gregório, na sua homilia, XII na segunda parte: «O Senhor apodera-se de nós que caminhamos, a fim de que renunciemos às nossas coisas, pois chegamos ao combate da fê, lutando e tudo o mais»<sup>65</sup>. Quarto, porque como diz Jerónimo na epístola, *Ad Demetriadem de Joseph*: «liberta-se de tudo ou de todas as suas vestes, para que mais facilmente e mais fortemente triunfe»<sup>66</sup>.

10. Também é útil a pobreza ao homem mais do que ao próximo, de duas maneiras, ou seja, pelo sentimento e pelos efeitos. Pelo sentimento, para que haja um amor mútuo. Na verdade, a abundância das coisas temporais é a origem da discórdia, mas a pobreza é a metamorfose do amor. Antes de tudo, vê-se em Abrão e Lot, no livro do Génesis, 13: «eram muitos os seus bens, e não eram capazes» <de habitar juntos a mesma região><sup>67</sup>. Como se demonstra em Actos dos Apóstolos, onde é dito: «da multidão dos fiéis existia um só coração e uma só alma»<sup>68</sup>. Pelos efeitos, porque a pobreza torna o homem paciente e benéfico. Por isso, S. João Crisóstomo, sobre a *Carta aos Hebreus*, diz: «somos inofensivos relativamente aos males, prontos para [aceitar] os benefícios. Ora, assim será, se desprezarmos as riquezas e a glória»<sup>69</sup>.

11. É mais útil a pobreza ao homem que ao próprio ‘sujeito’ tanto no presente como no futuro. No presente, a fim de que se liberte do mal e siga o bem. Ora, o mal existe de duas maneiras, seja como culpa, seja como pena. No mal como culpa: ou lhe é inata ou manifesta-se. Face ao primeiro, admite-se que o fogo é

<sup>65</sup> S. Gregorii Magni, *XL Homiliarum in Evangelia*, homilia xxxii (PL 76, col. 1233B): «Ad se autem nobis venientibus Dominus praecepit ut renuntiemus nostris, quia quicumque ad fidei agonem venimus, luctamen contra malignos spiritus sumimus».

<sup>66</sup> Auctor incertus (Pelagii), *Epistola I ad Demetriadem* (PL 30, col. 21C): «Omnibus prorsus velut indumentis exuitur, ut expeditius ad fortius nudus triumphet, et hostem, quam ferendo damna ante superaverat, rursus tolerando supplicia devincat».

<sup>67</sup> Gn. 13:6.

<sup>68</sup> Act. 4:32.

<sup>69</sup> S. Joannis Crisostomi, *Homiliae in Epistolam ad Hebraeos*, homilia xx (PG 63, col. 145): «Haec ergo cum sciamus, tolerantes simus ad male patiendum, prompti ad benefaciendum. Haec autem erunt si pecunias despiciamus et gloriam».

paupertas peccatis occupato. Propter primum dicitur Ysaías 48: Elegi te in camino paupertatis. Propter secundum dicit Gregorius omelia xxa secunde partis: Quos morum infirmitas vulnerat medicina paupertatis curat. Contra culpam que iminet valet, quia subtrahit materiam peccatorum. Unde Crisostomus *Super ad Hebreos*: Quid luges quoniam pecunias non habes? Excogita quoniam oblata est tibi materia peccatorum. Liberat tertium paupertas a malo pene multiplicis quam paciuntur qui divicias amant, scilicet labore, timore, dolore et huius modi, secundum illud Ecclesiastici 4: Cuncti dies eius doloribus et erumpnis pleni sunt, nec per noctem mentem requiescit, dicitur de avaro.

12. Prodest eciam homini ut consequatur bonum tam corporale quam spirituale. Corporale, scilicet longam vitam et bonam, longam propter parsimoniam. Ecclesiasticus 37: Propter crapulam multi obierunt. Qui autem ab<stinens> et cetera <est adiiciet vitam> bonam, scilicet quietam, letam, et securam. De primo Gregorius: Quid in hac vita laboriosius quam desideriis terrenis estuare? Quid quiecuis quam nichil huius seculi appetere? De secundo Seneca: Si vis scire quoniam nichil in paupertate mali sit, compara inter se pauperum et divitum vultus. Sepius pauper fidelius ridet, nulla ei in alto sollicitudo, eciam si contra incidit cura velud nubes transit letus. Horum autem qui felices <fol. 319v> vocantur hyllaritas ficta est et gravis et subpiccata tristitia. Unde sic est



para o metal, e a medicina para a doença, por isso, a pobreza é uma prevenção para os pecados. Por causa disso é afirmado em Isaías 48: «eu escolhi-te no meio da pobreza»<sup>70</sup>. Por causa da segunda, diz Gregório na homilia XX na segunda parte: «aqueles que a doença dos costumes fere, o remédio da pobreza, cura»<sup>71</sup>. O que se pode face à culpa que diminui é porque se retira a matéria dos pecados. Por isso, João Crisóstomo na homilia aos Hebreus, diz: «por que te lamentas, por não teres riquezas? Recorda, pois foi-te retirada a matéria dos pecados»<sup>72</sup>. Em terceiro lugar, a pobreza liberta-te do mal das múltiplas penas, que suportam aqueles que amam as riquezas, por causa, do trabalho, do temor, da dor e, coisas deste género, conforme o que é dito no *Eclesiástico*, a respeito do avarento: «todos os seus dias estão cheios de dores e de erupções, que nem o espírito tinha repouso durante a noite»<sup>73</sup>.

12. É útil também ao homem, para que consiga o bem tanto corporal como espiritual. Corporal enquanto vida longa e boa; longa por causa da sobriedade. No *Eclesiástico* é dito: «muitos morreram por causa do <seu> excesso. Quem, porém se abstém, aumentar-se-á a vida boa, como o repouso, a alegria e a segurança»<sup>74</sup>. Relativamente ao primeiro, afirma Gregório: «o que é mais trabalhoso nesta vida do que inquietar-se com os desejos terrenos? O que é mais repousante que nada desejar deste mundo?»<sup>75</sup>. Sobre o segundo, diz Séneca: «se queres saber porque nada há de mal na pobreza, compara entre si o rosto dos pobres e dos ricos. Frequentemente, o pobre ri com mais sinceridade, não lhe trazendo grande preocupação, mesmo se algum cuidado contraditório aparece como uma nuvem que passa. Porém, daqueles que são chamados felizes a alegria é fictícia e a tristeza

<sup>70</sup> Is. 48:10.

<sup>71</sup> S. Gregorii Magni, *XL Homiliarum in Evangelia*, homilia xl (PL 76, col. 1310A): «Cum quoslibet in hoc mundo adjectos aspicitis, etiamsi qua reprehensibilia eorum esse videantur, nolite despiciere, quia fortasse quos morum infirmitas vulnerat, medicina paupertatis curat».

<sup>72</sup> S. Joannis Crisostomi, *Homilia XX super Hebraeos* (PG 63, col. 146): «Cure ego luges? Quod non habeas pecunias? Sed cogita quod tibi sit ablata peccatorum occasio».

<sup>73</sup> Ecli. 2:23.

<sup>74</sup> Ecli. 37:34.

<sup>75</sup> Paterius notarius Gregorii I, *Liber de expositione Veteris ac Novi Testamenti*, de diversis libris S. Gregorii Magni, Pars Prima, Liber Secundus, De Testimoniis libri Exodii, cap. XV (PL 79, col. 727D): «Quid in hac vita laboriosius quam terrenis desideriis aestuare? aut quid hic quietius quam hujus saeculi nihil appetere?»

de divite sicut de ydolo, quod faciem hyllarem et multum arridentem pretendit exterius, set nature habet leticie interius. Vel si quandoque gaudet, gaudium eius simile est gaudio sompniantis, quoniam de re vana et cito evanescit. Unde est illud Sapiencie v: Quid nobis profuit superbia, et cetera? Transierunt omnia tamquam umbra. De tercio Gregorius: Qui enim habet in mundo quod diligit nichil est in mundo quod pertimescat et sentit. In obsessa via pauperi pax est, econtrario divites semper in timore sunt. Psalmo: Trepidaverunt timore. Job xv: Terrebit eos sonitus folii volantis, et cum pax sit ille semper insidias suspicit. Prodest eciam paupertas homini ut consequatur bonum spirituale tam in presenti quam in futuro. In presenti, scientiam et virtutem. De primo Seneca *Ad Lucilium*: Si vis vacare animo aut pauper sis oportet aut pauperi<bu>s similis. Non potest studium salute fieri, sine frugalitatis cura. Frugalitas autem paupertas voluntaria est. De secundo Anselmus in epistola quadam: Cum sentis necessitates aut paupertates contra te fervere tunc certus esto Deum gratiam suam tibi multipliciter augere. Item Ambrosius *In Exameron*: Attende tibi pauper, quia anima tua preciosa est,

pesada e rançosa»<sup>76</sup>. Por isso, assim como é da riqueza, assim é também do ídolo, porque mais exteriormente apresenta um rosto gaiato e muito sorridente, mas por natureza tem uma alegria mais interior. Ou se alguma vez se alegra, a sua alegria é semelhante à alegria do sonhador, porque desaparece rapidamente como coisa vã. Por isso é afirmado no livro da Sabedoria: «De que nos serve a soberba e tudo o resto? Tudo passa como sombra»<sup>77</sup>. Diz ainda Gregório: «com efeito aquele que tem no mundo o que ama, nada há no mundo que tema e sinta»<sup>78</sup>. O pobre tem paz na via cerceada; ao contrário, os ricos, estão sempre com temor. O salmo diz: «tremeram de medo»<sup>79</sup>. No livro de Job: «o som da folha que se agita atemorizá-los-á e, embora haja paz, ele suspeita sempre da emboscada»<sup>80</sup>.

É útil também a pobreza ao homem, para que consiga o bem espiritual tanto no presente como no futuro. No presente, a ciência e a virtude. Relativamente ao primeiro, Sêneca, em *Ad Lucilium* diz: «se queres libertar-te pelo espírito, é necessário que sejas pobre ou sejas semelhante aos pobres. Não pode existir um estudo salutar sem o cuidado da sobriedade. A sobriedade porém é a pobreza voluntária»<sup>81</sup>. A respeito do segundo, declara Anselmo numa epístola: «quando sentes agitarem-se contra ti as necessidades ou pobreza, então, tem a certeza que Deus te aumentará muito a sua graça»<sup>82</sup>. O mesmo diz Ambrósio no *Hexameron*: «pobre, tem atenção, porque a tua alma é preciosa, embora te falte a riqueza, não

<sup>76</sup> Seneca, *Epistulae Morales*, IX, lxxx: «Si vis scire quam nihil in illa sit, compara inter se pauperum et divitum vultus; saepius pauper et fedelius ridet; nulla sollicitudo in alto est; etiam si qua incidit cura, velut nubes levis transit: horum qui filices vocantur hilaritas ficta est aut gravis et suppurata tristitia, eo quidem gravior quia interdum non licet palam esse miseros, sed inter aerumnas cor ipsum excedentes necesse est agere felicem».

<sup>77</sup> Prov. 5:8-9.

<sup>78</sup> S. Gregorii Magni, *Moralium seu Expositio in Job*, X, c. xxi (PL 75, col. 942C): «At contra quisquis in solo aeternitatis desidero figitur, nec prosperitate attolitur, nec adversitate quassatur; dum nil habet in mundo quod appetat, nihil est quod de mundo pertimescat».

<sup>79</sup> Sal. 13:5.

<sup>80</sup> Jb. 15:21 e Lc. 26:36. Os editores afirmam que há uma confusão de Lc. 12:36 e Jb. 15:21. Mais recentemente lê-se: «Sonitus terroris semper in auribus illius, et cum pax sit, illa semper insidias suspicatur».

<sup>81</sup> Seneca, *Epistulae Morales*, II, xvii, *Ad Lucilium*: «Si vis vacare animo, aut pauper sis oportet aut pauperi similis. Non potest studium salutare fieri sine frugalitatis cura; frugalitas autem paupertas voluntaria est».

<sup>82</sup> S. Anselmi, *Epistola CIV*, *Ad Raynaldum* (PL 159 col. 142B): «Cum sentis necessitates et paupertates circa te fervere, tunc certus esto Deum gratiam suam tibi multipliciter augere».

etsi deest tibi pecunia non deest gracia. Et si non est domus ampla non diffusa possessio, celum patet, terra libera est.

13. In futuro tandem consequetur pauper bonum. Huius autem boni duplex est condicio commendabilis, scilicet certitudo et magnitudo. Utraque autem paupertate optinebitur. Primo quia infallibiliter beatitudinem pauperes consequuntur. Unde Bernardus in sermone quodam: Veritas loquitur que nec falli nec fallere potest, et ipsa est que dicit, Beati pauperes spiritu. De secundo Ieronimus *Ad Rusticum*: Nudum Cristum nudus sequere, durum, grande, difficile, set magna sunt premia. Item Ambrosius *In Exameron*: Iustus qui hic eguerit illic habundabit, et qui hic laborem tolleraverit illic consolacionem habebit. Qui autem hic receperit bona, illic mercedem eorum sperare non poterit. Pauperem autem mercedem suam reservant. Exemplum de divite et Lazaro, Lucas 16.

te falta a graça. E se não há uma casa ampla nem uma propriedade alargada, o céu é evidente, é a terra livre»<sup>83</sup>.

13. No futuro, finalmente, o pobre conseguirá o bem. Ora, deste bem existe uma dupla condição recomendada: a certeza e a grandeza. Tratar-se-á duma e doutra pobreza. Em primeiro lugar, porque os pobres, infalivelmente, conseguem a beatitude. Por isso, Bernardo, num sermão afirma: «a verdade fala e não pode ser enganada nem enganar, e ela própria é aquela que diz: «Bem-aventurados os pobres em espírito»<sup>84</sup>. Em segundo lugar, diz Jerónimo em *Ad Rusticum*: «segue, despojado, o Cristo despojado, rigoroso, grande, difícil, mas grandes são os prémios»<sup>85</sup>. O mesmo diz Ambrósio no *Haexameron*: justo aquele que aqui, tiver falta, lá terá abundância; aquele que aqui tiver suportado o trabalho, lá terá a consolação. Porém, aquele que tiver recebido aqui coisas boas, lá não poderá esperar a recompensa delas<sup>86</sup>. Porém, eles guardam a sua recompensa como pobre. É o exemplo do rico e de Lázaro, em *Lucas*, 16<sup>87</sup>.

<sup>83</sup> S. Ambrosii, *In Hexameron*, VI, c.viii (PL 14, col. 263C): «Attende tibi, pauper; quia anima tua pretiosa est: et si caro mortalis, diuturna anima: et si tibi deest pecunia, non deest gratia: et si non est domus ampla, non difusa possession, coelum patet, terra libera est».

<sup>84</sup> S. Bernardi, *In Festo Omnium Sanctorum*, Sermo 1 (PL 183, col. 456C): «Quid enim tam absconditum, quam paupertatem esse beatam? Attamen Veritas loquitur, quae nec falli, nec fallere potest; et ipsa est quae dicit quoniam beati pauperes spiritu [Mt. 5, 3]».

<sup>85</sup> S. Hieronymi, *Epistola CXXV Ad Rusticum* (PL 22, col. 1085): «Si habes substantiam, vende, et da pauperibus. Si non habes, grandi onere libearatus es: nudum Christum, nudus sequere. Durum, grande, difficile; sed magna sunt praemia».

<sup>86</sup> S. Ambrosii, *In Hexameron*, VI, c. viii (PL 14, col. 264B): «quoniam Justus qui hic egerit, illic abundabit, et qui hic laborem toleraverit, illic consolationem habebit: qui cedem suam reservat, census absumit».

<sup>87</sup> Lc. 16:19-31.